

## **POR UM LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS PANDÊMICOS: APLICABILIDADES DO AUTODIDATISMO MEDIADO PELA TECNOLOGIA NOS CEL-SP**

**Otávio de Oliveira Silva**

Mestre em Letras, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.

**RESUMO:** Este trabalho traz à baila uma discussão pedagógica ao fornecer à área de educação linguística em línguas alóctones na Educação Básica (EB), em especial ao campo de pesquisa de ensino de língua japonesa no Brasil, um panorama sobre a situação crescente ainda pouco explorada concernente ao estudo autodidata e as múltiplas plataformas utilizadas por estudantes brasileiros no processo de aprendizagem *e-learning*. Em nosso marco teórico, realizamos uma revisão de literatura, partindo dos pressupostos teóricos que cingem o ensino mediado pela tecnologia, ancorando nossos argumentos nos estudos sobre ensino híbrido, sala de aula invertida, letramentos digitais e *e-learning* na autoconstrução do conhecimento (LEVY, 1997; WARSCHAUER; HEALEY, 1998; QUEVEDO; CRESCITELLI, 2005; BUZATO, 2006; GRAHAM, 2006; LANKSHEAR; KNOBEL, 2006; KRAMER; SADANHA; SEVERO, 2014; SILVA; ROTTAVA, 2015; FERRAZ; NOGAROL, 2019). A coleta de dados ocorreu por meio de questionário distribuído pela plataforma *online SurveyMonkey®*, observando, na elaboração das perguntas, os procedimentos metodológicos indicados por Gil (1999). A partir dos resultados, é possível delimitar o perfil dos estudantes brasileiros de japonês que hodiernamente recorrem aos meios digitais para aprender, por razões que vão desde o óbice financeiro à inexistência de escolas físicas e materiais didáticos em algumas regiões, outrossim, de que forma isso pode servir de modelo, visando novas possibilidades de ensino para professores e alunos dos Centro de Estudos de Línguas (CEL) da rede paulista, apesar da pandemia do novo Coronavírus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Japonesa. *e-learning*. Educação Básica

**ABSTRACT:** This paper aims to provide a pedagogical reflection on the area of linguistic education in foreign languages in secondary and high schools, especially in the field of Japanese language teaching research in Brazil. We discussed the growing situation, concerning self-taught study and the multiple platforms used by Brazilian students in the *e-learning* process. As a theoretical basis, we conducted a literature review, based on technology-mediated teaching theories, especially on blended learning, flipped classroom, digital literacies and *e-learning* in the self-construction of knowledge (LEVY, 1997; WARSCHAUER; HEALEY, 1998; QUEVEDO; CRESCITELLI, 2005; BUZATO, 2006; GRAHAM, 2006; LANKSHEAR; KNOBEL, 2006; KRAMER; SADANHA; SEVERO, 2014; SILVA; ROTTAVA, 2015; FERRAZ; NOGAROL, 2019). Data collection took place through a questionnaire distributed by the *SurveyMonkey®* online platform, observing, in the elaboration of the questions, the methodological procedures indicated by Gil (1999). In the results, it is possible to identify the profile of Japanese language students who are currently studying the language in Brazil through digital media, for reasons ranging from financial difficulties to the lack of language schools and teaching materials in some regions in our country. Thus, it is possible to know how this can serve as a model, aiming at new teaching possibilities for teachers and students of the Foreign Language Studies Center (CEL) of public schools in São Paulo, despite the new coronavirus pandemic.

**KEYWORDS:** Japanese Language. *e-learning*. Basic Education.

## INTRODUÇÃO

Este estudo traz à baila um relato de experiência como docente participante da Orientação Técnica (OT) para Professores de Língua Japonesa dos Centros de Estudos de Línguas (CEL) <sup>1</sup>das escolas de Educação Básica (EB) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP) em 2015, acrescido de um estudo sobre ferramentas e plataformas *e-learning*, na perspectiva do aprendiz autodidata, com o intuito de encontrar formas de amenizar os impactos da pandemia do novo Coronavírus na educação linguística em línguas adicionais.

Naquele ano, do supracitado curso de formação docente, levantou-se a questão do problema da multisseriação, que de acordo com Silva (2017, 2020), acomete as turmas de japonês devido à gradual desistência dos estudantes gerando um número insuficiente de alunos matriculados já nas turmas de estágios e níveis iniciais. Dada essa circunstância, o professor responsável precisa lecionar num mesmo espaço de tempo (100 minutos) e sala de aula para alunos de diferentes níveis de conhecimentos sobre o idioma, muitas vezes simultaneamente para duas, três ou quatro turmas. Destarte, uma pergunta norteou aquele curso de formação docente, e que retomamos, novamente, dada a conjuntura social atual: quais as ferramentas e plataformas tecnológicas à disposição dos aprendizes e professores capazes de auxiliar no processo de aprendizagem e letramento digital? Contudo, a discussão centrou-se apenas em sugerir aos professores ferramentas e plataformas para que eles pudessem aplicar em suas aulas, com o intuito de amenizar os efeitos negativos da multisseriação das turmas de japonês, não atentando-se ao que já era utilizado por estudantes antes e durante o período em que ele cursava o idioma no CEL, ou seja, não levou-se em consideração a perspectiva do sujeito aprendiz e o papel de autonomia em seu próprio percurso linguístico-escolar, uma vez que o espaço das discussões era limitado às vozes docentes.

Na OT, surgiram os temas *Blended Learning*, Ensino a Distância (EAD) e *e-learning* como possíveis soluções aplicáveis às turmas de cerca de 20 professores, que também careciam

---

<sup>1</sup> O CEL é um programa da SEDUC-SP iniciado em 1987 que, de forma extracurricular e vinculado às escolas regulares da rede, proporciona ensino de até seis idiomas para alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Hodiernamente, de acordo com dados fornecidos pela SEDUC-SP em agosto de 2020, em todo o Estado de São Paulo, 186 unidades, instaladas em algumas das mais de 5.400 escolas da rede paulista, disponibilizam cursos de inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, mandarim e japonês, conforme a demanda de cada região. Além do estudo da língua estrangeira, os estudantes ampliam sua formação cultural, explorando nas aulas os costumes de outros países. A oferta dos cursos – que duram 3 anos – atende uma necessidade do mercado de trabalho, aumentando as chances de inserção profissional para os alunos. O acesso aos cursos é gratuito. Podem se inscrever alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dos mais de 3.500.000 de estudantes matriculados na EB paulista, 72.739 (2%) cursam línguas adicionais no CEL. Cf.: <<https://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas>>. Acesso em: 19/01/2021.

de letramento digital. Descobriu-se que muitos dos alunos de japonês do CEL já vinham com certo conhecimento sobre o idioma, uma vez que alguns deles estudavam via *internet*, contudo, como apontado anteriormente, não foi possível medir a extensão disso pelos discentes, dadas as idiossincrasias de cada comunidade escolar. A discussão incitou o pesquisador a procurar mais informações sobre o uso da tecnologia como ferramenta transformadora na atividade de ensino de línguas, o que acabou instigando indagações relacionadas às razões que levam aprendizes brasileiros a iniciar o estudo de um idioma considerado complexo, dada à distância linguística e cultural, o que ressurge agora, dado o momento atual da pandemia do *Codiv-19*.

Em uma conjuntura mundial, em que a propagação do vírus interrompeu as atividades escolares presenciais, é fulcral refletirmos sobre a educação linguística em línguas adicionais, em especial aos estudantes da rede pública brasileira, que têm precário acesso à *internet*, dispositivos e a recursos tecnológicos, sendo necessária uma apresentação de diversas ferramentas que podem, ao menos, amenizar os impactos da pandemia na educação brasileira, buscando, na perspectiva do sujeito aprendiz, uma possível solução a problemas que cercam a linguagem. Assim, o presente estudo traz como objetivos: 1) caracterizar os aprendizes autodidatas brasileiros de japonês, suas motivações, dificuldades e objetivos nessa modalidade de estudo; 2) apontar e delimitar quais as ferramentas e plataformas tecnológicas à disposição dos aprendizes e professores capazes de auxiliar no processo de aprendizagem de língua japonesa e letramento digital no contexto de EB; 3) identificar as plataformas abertas desenvolvidas por instituições internacionais de fomento exclusivamente *online* ao ensino de japonês, que não infrinjam direitos autorais e possam ser utilizadas livremente.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo de natureza qualitativa. Recorremos a um questionário online, como principal método de coleta de dados. Nosso questionário foi constituído de oito questões, distribuído e hospedado na plataforma *online SurveyMonkey*®, <sup>2</sup> composto por perguntas formuladas de maneira clara, concreta e precisa (GIL, 1999).

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido como a técnica de investigação composta por um “número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos,

---

<sup>2</sup> O *SurveyMonkey*® é um *software online* multiplataforma utilizado para criar e distribuir pesquisas, enquetes e questionários, outrossim, tabular os dados em gráficos. Foi fundado, em 1999, por Ryan Finley.

interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Ademais, o autor apresenta as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 1999, p.128-129).

O *link* do questionário foi compartilhado em grupos de estudos de aprendizes de língua japonesa no *Facebook*. As respostas foram coletadas no período de 04 a 06 de fevereiro de 2018. O questionário contém 8 perguntas que visam traçar um perfil do aprendiz brasileiro autodidata de língua japonesa.

Concernente ao estudo *online*, sob a perspectiva de aprendizagem autodidata, as questões do questionário aos respondentes versavam sobre : 1) idade; 2) interesse pelo idioma japonês; 3) razão por optar pelo estudo autodidata online; 4) você tem acesso à internet em sua residência; 5) qual a sua principal fonte de recursos para o estudo ; 6) qual a principal dificuldade que você encontra no estudo autodidata online; 7) especifique qual sua principal plataforma de estudos e fonte de recursos materiais (livros, apostilas, vídeos, áudio etc.); e, 8) qual seu objetivo com o estudo de japonês.

O questionário foi respondido de forma anônima por 72 pessoas. As respostas foram tabuladas e dispostas em gráficos apresentados na parte de discussão dos resultados deste estudo.

## **A TECNOLOGIA E O USO DA *INTERNET* EM CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS**

Segundo Silva e Rottava (2015), a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) envolve interações diversas, que compreendem tarefas desenvolvidas para além do contexto de sala de aula em situações síncronas e assíncronas entre professor e sujeitos/aprendizes. Essas interações, ou situações, podem envolver atividades de aprendizagem assistidas por computador, fenômeno antigo que hoje ganha destaque dadas as atuais circunstâncias tecnológicas mais acessíveis da contemporaneidade, no entanto, observamos que, ao longo da história educacional, recursos tecnológicos serviram como mediadores do conhecimento em diversas épocas.

Os pesquisadores Warschauer e Healey (1998) apresentam uma introdução à história de aprendizagem de línguas mediada por computador. O estudo por eles desenvolvido apresenta um panorama histórico e entrelaça as fases aos períodos históricos, as tecnologias disponíveis, teorias de aprendizagem, e concepções de uso de computador no processo de ensino-aprendizagem. Levy (1997) explica que a denominação *Computer-Assisted Language Learning* (CALL) é a mais consagrada e utilizada na literatura internacional e nacional, portanto mantemos o acrônimo CALL para referirmos a aprendizagem de línguas mediada por computador. Tomamos como base Warschauer e Healey (1998) e apresentamos a seguir as diversas possibilidades de utilização dos computadores para fins pedagógicos, principalmente no que concerne o ensino de língua estrangeira. Os autores separam o uso do computador para o ensino de línguas em três fases<sup>3</sup>: *behaviorista* de CALL (primeira Fase), comunicativa de CALL (segunda fase) e a integrativa de CALL (terceira fase).

Vivemos hodiernamente a fase integrativa, onde tudo é *online* 24 horas por dia e compartilhado, o que incluiu o próprio conhecimento. A educação através de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), em que ocorre a interação entre professores e alunos, é uma tendência crescente, destarte, no ensino de línguas, o uso de tecnologias com base na educação a distância através desses ambientes é um aliado para a promoção da aprendizagem (KRAMER; SADANHA; SEVERO, 2014). Essa aprendizagem pode ser hoje mista, híbrida, uma verdadeira mescla de ambientes virtuais, como *Moodle* e o *Blackboard*, *Facebook*, *Twitter*, Fóruns, *chats* e outras redes sócias e ferramentas multiplataformas, todas conectadas via internet, considerada por Levy (1997) como o artefato tecnológico de maior relevância e maior impacto da década de 90. Para o autor, o e-mail e a *internet* introduziram novas possibilidades para o processo de aprendizagem. O pesquisador explica que esses meios de comunicação rompem os limites tradicionais da sala de aula e expandem o ambiente de aprendizagem. Ao romperem com esses limites tradicionais, professores e alunos têm a oportunidade de exploração de novos ambientes. Isso possibilita, por exemplo, a participação ativa de falantes nativos da língua no processo de

---

<sup>3</sup>A primeira fase perdurou entre os anos 50 a 70 é apoiada nas teorias behavioristas de aprendizagem, com atividades linguísticas de repetição. Os autores apontam que nesse período o computador era concebido como um tutor mecânico, uma vez que o computador repetia incansavelmente a mesma prática até o aluno acertar; a segunda fase (70-80) é marcada pelo uso instrucional do computador e tenta reproduzir o ensino-aprendizagem de línguas conforme os conceitos e preceitos das teorias da abordagem comunicativa através de uso de programas com exercícios caracterizados como *drills* e jogos sofisticados; a terceira fase iniciou-se no fim da década de 1980 e perdura até os dias atuais e é marcada por abordagens baseadas no uso de computadores com multimídia e a internet, dessa forma estabelece-se comunicação 24 horas por dia, de maneira síncrona ou assíncrona e ainda de forma rápida, conveniente e barata com nativos da língua que se deseja aprender através de plataformas ou ambientes de aprendizagem virtual (originalmente em inglês *Virtual Learning Environment* - VLE).

aprendizagem. Este novo conceito de aprendizagem integrado à tecnologia é conhecido como *Blended Learning* (Ensino Híbrido) e é, hodiernamente, uma tendência em ascensão não apenas no que tange ao aprendizado de línguas estrangeiras, mas também na educação formal como, por exemplo, em cursos de graduação e pós-graduação. Graham (2006) cita casos de utilização desse tipo de ensino em universidades de países como Japão, Coreia, China, Malásia, Singapura, Austrália, Canada, Estados Unidos, México, Israel, Reino Unido e África do Sul.

Independentemente do país, é fulcral que as plataformas, *sites* e AVA, destinados à educação, estejam arquitetadas na WEB 2.0, pois é isso o que permite a interação virtual real entre todos os docentes e discentes participantes da atividade, com espaços para discussões como fóruns, troca de mensagens instantâneas, possibilidade de compartilhamento de arquivos, entre outros recursos, que não são possíveis na WEB 1.0. Segundo Lankshear e Knobel (2006), as principais diferenças entre esses formatos de WEB estão na dinâmica e interatividade. Um *site* com o formato de WEB 1.0 é estático e sem nenhuma forma de interatividade com os leitores. É possível visitá-lo muitas vezes, mas não haverá nada de novo em todas as novas visitas e não há motivo para retornar a ele. Com o tempo, a maior parte dos *sites* migrou do formato 1.0 para o formato 2.0, que consiste em uma maior interação dentro de cada página. Como exemplo de aplicabilidade da WEB 1.0, Lankshear e Knobel (2006) trazem como exemplo o *Ofoto*, a *Britannica Online*, *sites* pessoais, entre outros, todos com pouca, ou nenhuma, possibilidade de interatividade, dadas as limitações e estática desse formato WEB.

Por outro lado, a WEB 2.0 não se refere a um avanço específico na tecnologia, mas a um conjunto de técnicas para *design* e execução de páginas da WEB. Além disso, algumas dessas técnicas existem desde que a *World Wide WEB* (www) foi lançada, de modo que não é possível separar WEB 1.0 e a WEB 2.0, em termos cronológicos. A partir desse novo formato de WEB, foi possível a criação de *blogs* e da *Wikipédia*, em que o leitor não é passivo em relação ao que está publicado, e o próprio *Google*, de acordo com Lankshear e Knobel (2006). Destarte, é importante que para que as plataformas sejam, de fato, úteis ao processo de aprendizagem de línguas, essas proporcionem possibilidades interativas.

Concernentemente ao campo da educação linguística, dentre as possibilidades educacionais da WEB 2.0, encontra-se o *e-learning 2.0*. Diversas são as aplicações das tecnologias da WEB 2.0 em plataformas digitais para a educação. Entre eles, podemos citar o uso de *WEBlogs*, *Wikis*, Redes Sociais, e *RSS*. Como exemplo mais concreto da aplicação da WEB 2.0 no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, podemos citar os diversos cursos *online* de idiomas que se utilizam dos AVA, a fim de facilitar o aprendizado, e ofertar

o ensino de línguas de forma remota, como: *Italk*, *Bussu*, *Duolingo*, *MindSnack*, entre outros, em que é possível a interação dos participantes dado o formato WEB 2.0 como instrumento articulador da produção e compartilhamento do conhecimento, e facilitador das práticas e habilidades de comunicação linguística.

### **BLENDDED LEARNING, EAD E E-LEARNING: O PANO DE FUNDO POR TRÁS DA AUTOCONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO MEDIADO PELA TECNOLOGIA**

De acordo com Kramer, Saldanha e Severo (2014) o termo *Blended Learning* surgiu por volta do ano 2000 com atividades de estudo autodidata para complementar o que havia sido ensinado em sala de aula. Atualmente, a metodologia de aprendizagem híbrida, ou mista, tem despertado interesse e o termo evoluiu para abranger um conjunto mais variado de abordagens de aprendizagem e de ambientes. De acordo com as pesquisadoras, atualmente, *Blended Learning* pode se referir a qualquer combinação de diferentes métodos, ambientes e estilos de aprendizagem. Esse tipo de metodologia consiste na combinação de dois modelos de ensino e aprendizagem: aula presencial e sistema de ensino que utiliza de tecnologia ou outros recursos possibilitando a extensão do curso para locais diferentes da sala de aula (GRAHAM, 2006).

No Brasil, falar de extensão da sala da aula e comunicação coaduna com a visão de Educação a Distância (EAD), termo possivelmente mais difundido que *Blended Learning*. Segundo Quevedo e Crescitelli (2005), desde sempre, uma das características básicas da EAD foi o estabelecimento de uma comunicação de dupla via, ou seja, ambos não estão juntos no mesmo espaço físico da sala de aula presencial e precisam, desse modo, de meios que possibilitem a comunicação, os quais podem ser: correspondência postal, telefone, telex, fax, rádio e televisão apoiada em meios abertos de dupla comunicação, correspondência eletrônica etc. As pesquisadoras consideram que, em virtude das tecnologias de informática conversacionais da atualidade, pode-se afirmar com propriedade que nesse momento a comunicação entre professor e aluno e entre aluno e aluno é real, possível e plenamente viabilizada evidenciando que estamos vivendo uma era totalmente interativa.

Essa nova era em que vivemos é considerada pelas autoras como sendo mais promissora para a modalidade educacional a distância do que a comunicação massiva da época em que havia apenas rádio e TV, em um contexto de geração digital de EAD, onde a internet configura-se como o meio em que ocorrem novos formatos de interação ainda pouco estudados. Como a educação a distância vem sendo consolidada, mais recentemente, por meio dos inúmeros cursos ministrados via rede, o que era então visto como uma forma especial de ensino, que usava um

sistema não tradicional, está se tornando um fator importante na educação também, porque agora possibilita de fato o diálogo e a interação mais imediatos entre os participantes. Assim, vemos que a EAD ganha respeito como modalidade educacional de destaque (QUEVEDO; CRESCITIELLI, 2005). No entanto, quanto ao uso da tecnologia enquanto mediadora do conhecimento, as pesquisadoras destacam que o computador não viabiliza a construção de conhecimento e trata do letramento digital do professor de línguas que irá lidar com o uso de recursos tecnológicos, desse modo, é importante, de acordo com Quevedo e Crescitelli (2005), que o professor saiba efetivamente usar as ferramentas de modo adequado nos ambientes de aprendizagem de maneira a estimular o trabalho colaborativo, a levar o aluno a compartilhar os saberes individuais, a formular e solucionar questões e a buscar informações contextualizadas às dinâmicas sociais de aprendizagem.

Seria necessário, portanto, conscientizar o professor de línguas para a importância da utilização da tecnologia, e do letramento digital, o que o obrigaria a estar constantemente atualizado e buscando novas formações. Buzato (2006) aponta que a formação de professores apresenta um grande desafio para todos envolvidos no processo, principalmente considerando a perspectiva educacional devido ao dinamismo das novas tecnologias e a complexidade de suas implicações sociais e culturais. De acordo com Graham (2006), quando as aulas presenciais e mediadas por computadores são combinadas, os aprendizes agregam mais valor e dão mais ênfase às aulas presenciais. Segundo Kramer, Saldanha e Severo (2014), a vantagem desse modelo de ensino está na otimização do tempo de exposição do estudante à língua alvo e na diversidade de recursos e tecnologias que podem ser associadas ao AVA, possibilitando abranger aprendizes com diferentes estilos de aprendizagem.

Por fim, concernente ao ensino de línguas adicionais, como o japonês, na rede paulista, relacionado à migração EAD forçada pela pandemia, verifica-se que para o ano de 2020, a combinação das aulas presenciais e mediadas por computadores não pode ser realizada, em decorrência da propagação da *Covid 19*, o que inviabilizou a parte presencial. A SEDUC-SP, contudo, firmou acordos e parcerias para que alunos e professores contassem com plataformas e *internet* patrocinada para que as aulas pudessem ocorrer, pelo menos, de forma totalmente remota, ou seja, não ocorreu o ensino híbrido, apenas o EAD. À guisa de contextualização, citamos o desenvolvimento do AVA denominado Centro de Mídias SP (CMSP). O CMSP é uma iniciativa da SEDUC-SP para contribuir com a formação dos profissionais da rede e ampliar a oferta aos alunos de uma educação mediada por tecnologia. Contudo, a formação necessária para utilização da plataforma por docentes e discentes, o que inclui os do CEL,

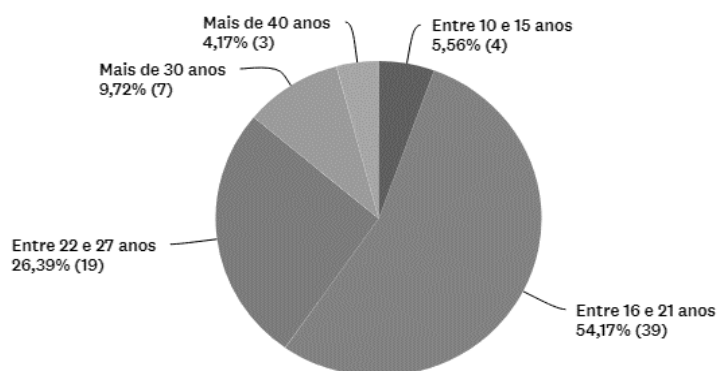


ocorre continuamente pelo próprio AVA, tornando-se um desafio para ambos, em especial aos alunos que devem ter, no mínimo, dispositivos compatíveis com a plataforma para acessar os conteúdos e interagir com os professores, sendo, hoje, o uso do celular uma ferramenta indispensável para a educação linguística, cuja aplicabilidade deve ser fomentada desde os cursos superiores de formação básica em licenciatura para docentes e estendida à formação continuada, dado efeitos positivos, se usado corretamente (FERRAZ; NOGAROL, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos, nesta etapa de nosso estudo, os resultados obtidos pelo questionário respondido por aprendizes autodidatas brasileiros. O gráfico 1 mostra que esse contingente é composto por jovens entre 16 e 21 anos.

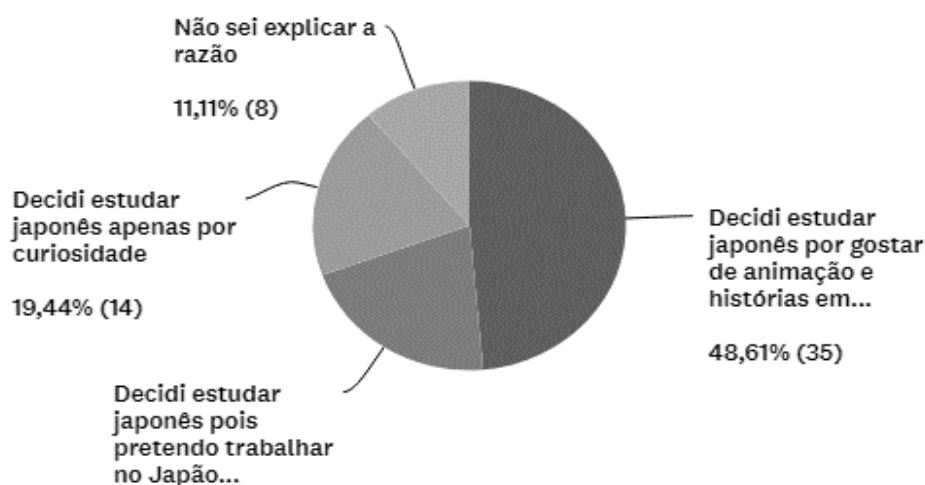
**Gráfico 1 – Faixa etária**



Fonte: o autor

Como observamos no gráfico 2, a motivação de 48,61% para que esses aprendizes busquem na *internet* o domínio da língua japonesa, vem da influência *pop* contemporânea do Japão, principalmente as animações e histórias em quadrinhos oriundas daquele país.

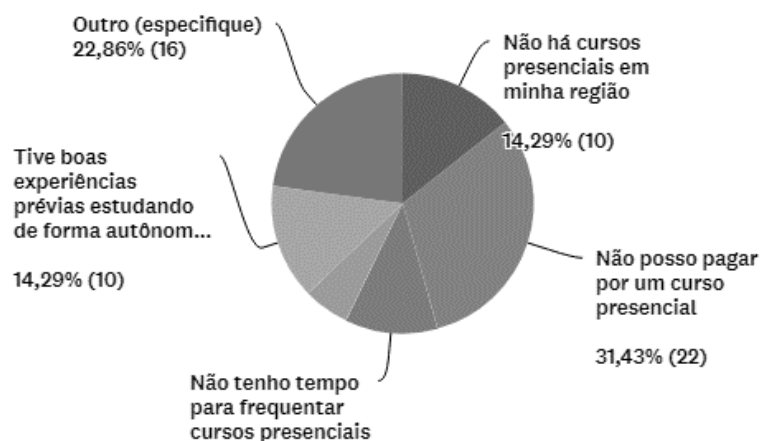
**Gráfico 2 – Razão ou motivação que o(a) levou a estudar japonês**



Fonte: o autor

Contudo, o gráfico 3 mostra que mesmo com a existência de cursos presenciais em escolas de idiomas, como unidades CEL, e aulas em associações japonesas, em algumas regiões, os aprendizes afirmaram que por questões financeiras permanecem nessa modalidade.

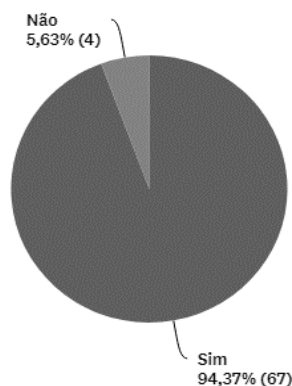
**Gráfico 3 – Razão por optar por estudo autodidata online**



Fonte: o autor

Isso é possível, uma vez que 94% desses indivíduos, como observado no gráfico 4, têm acesso à *internet* em suas residências.

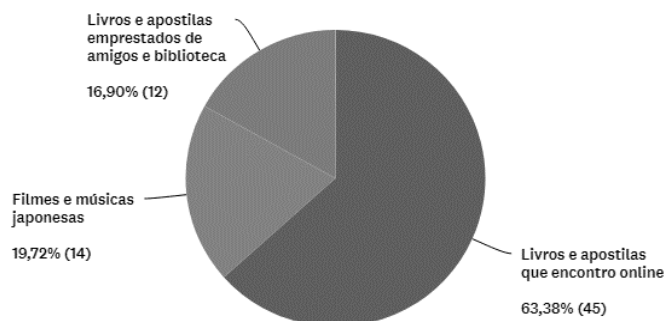
#### Gráfico 4 – Você tem acesso à *internet* e computador em sua residência?



Fonte: o autor

Esse acesso facilita a obtenção, via downloads digitais, de materiais e vídeos gratuitos, além de livros didáticos disponibilizados digitalmente em formato *Portable Document Format* (PDF) na rede em *blogs* e *sites* (63%), como visto no gráfico 5.

#### Gráfico 5 – Qual a principal fonte de recursos didáticos em seu estudo?



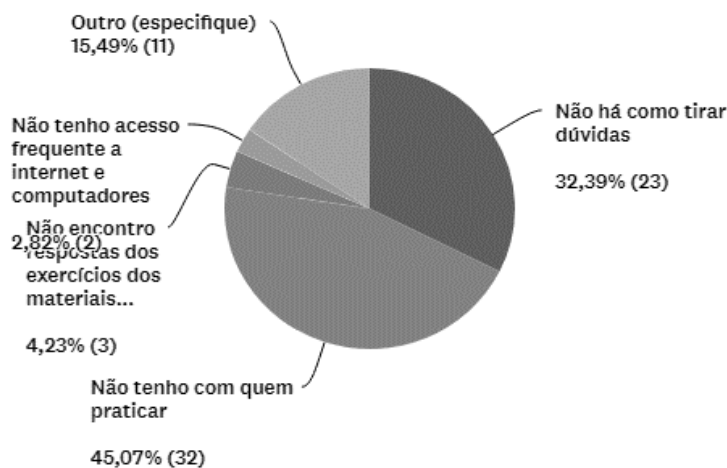
Fonte: o autor

Os PDF geralmente são cópias digitais ilegais de livros físicos escaneados por outros aprendizes-usuários e compartilhados na rede, em portais e *blogs*.

Contudo, é importante salientar que, de forma abnóxia, ou não, alguns *sites* que hospedam os arquivos em PDF, outrossim os MP3, referentes às lições, infringem os direitos autorais, cobrando ou não, do usuário uma taxa para que ele possa realizar o download, ou faz com que o usuário clique em diversos anúncios antes de poder baixar o arquivo que deseja, o que gera receita indevida aos que compartilham e hospedam em nuvem os materiais, prática que também ocorre com o download ilegal de filmes e músicas.

Apesar da abundância de materiais disponíveis na internet, os aprendizes relataram dificuldades em estudar japonês de forma autônoma. Sendo a ausência de alguém para praticar o idioma a mais apontada pelos participantes, conforme mostra o gráfico 6.

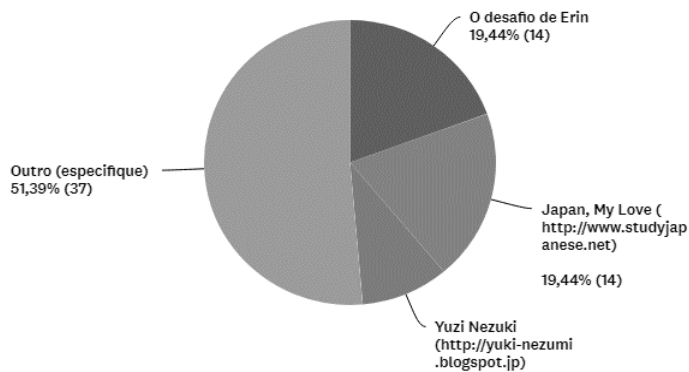
**Gráfico 6 – Qual a principal dificuldade que você encontra no estudo autodidata online?**



Fonte: o autor

Em nosso estudo prévio observamos que nas páginas de grupos de estudo no Facebook a maioria dos *links* direcionava os usuários a três plataformas distintas, sendo as mais recorrentes: O Desafio de *Erin*, *Japan My love* e *Yuzi-nezumi*. Entretanto, 51% dos respondentes indicaram outras fontes de recursos como apontado pelo gráfico 7:

**Gráfico 7 – Especifique qual sua principal plataforma de estudos e fonte de recursos materiais (livros, apostilas, vídeos, áudio etc.)**



Fonte: o autor

Cabe destacar as outras respostas apontadas pelos participantes à questão do gráfico 7, no campo outro, onde solicitamos que eles especificassem suas opções. Convém mencionar a importância do papel de entidades<sup>4</sup> de fomento do ensino de japonês na criação e manutenção de plataformas e ferramentas gratuitas abertas a todos os interessados, sendo as de maior destaque as listadas a seguir – algumas também foram sugeridas aos professores de japonês do CEL, na ocasião da OT de 2015, contudo, elas não são AVA, pois não permitem a interação professor e aluno, e estão construídas sob a arquitetura de WEB 1.0, sendo :

- *Flipped Classroom:*

- *Rajakumar Sensei's Japanese Page:*<sup>5</sup>

*Site* destinado a aprendizes de língua japonesa de qualquer parte do mundo. Os materiais são baseados na *UK Japanese syllabus – GCSE, IB e A-Levels*, mas pode ser usado por qualquer pessoa que queira aprender japonês. O autor é Anne Rajakumar, líder da equipe de língua japonesa da *Hockerill Anglo-European College*, com apoio da *The Japan Foundation*, sediada em Londres.

- *DEKIRU Segédanyagok*<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> O interesse e engajamento de entidades japonesas no desenvolvimento de *sites* e plataformas para o ensino de japonês está ligado a questões políticas, de uma autoimagem que o país tenta disseminar externamente. O Japão tem hoje uma estratégia galgada no que as relações internacionais definem por *Soft Power*, de dominação cultural em países estrangeiros, valendo-se da difusão de sua cultura pop contemporânea. Cunhado por Joseph Nye Jr, o termo é uma expressão usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político – um Estado, por exemplo – para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos por meio de artefatos culturais ou ideológicos. Para Nye (2004), *Soft power* não é apenas influência, pois a influência também pode depender do poder de ameaças ou pagamentos. *Soft power* é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de mover as pessoas pelo argumento, embora seja uma parte importante disso. É também a capacidade de atrair. Destarte, o poder suave é um poder atrativo (NYE, 2004). Nesse quesito, o Japão tem investido em programas de bolsas de estudos para estrangeiros em suas universidades públicas e privadas, além da criação de agências glotopolíticas, ou seja, instituições que fomentam a imagem de um país marcando presença territorial através da língua estrangeira (LAGARES, 2018). Com esse propósito, criou-se a *The Japan Foundation* – doravante Fundação Japão – uma instituição fundada em 1972, vinculada ao Ministério de Relações Exteriores do Japão e que tem o objetivo de divulgar a cultura japonesa e promover a interação com outros países, desenvolvendo o intercâmbio artístico e fornecendo treinamentos de professores de japonês, sob a ótica ideológica da instituição. Contudo, como assevera Silva (2020), a tentativa de controle ideológico sobre a imagem externa do Japão, através da língua japonesa em outros países, acaba culminando em práticas questionáveis, ao observarmos, à guisa de exemplo, questões políticas e socioculturais que recaíram sobre o material didático utilizado por alunos de japonês do CEL, denominado *Kotobana*, elaborado pela filial brasileira da entidade, que carrega, em alguns textos, discursos de cunho dominador, não condizente com um material voltado para a EB, apresentando um Japão e sua sociedade de forma idealizada pela instituição governamental, não sendo inéditas, todavia na educação brasileira, conforme apontam Duboc, Furlan, Ferraz e Mizan (2019), movimentos e políticas sob forte influência ideológica, e até mesmo religiosa, e que se colocam afeitas ao controle, à padronização e à normatividade dos espaços escolares.

<sup>5</sup> C.f.: <<http://japanese4schools.co.uk/>>. Acesso em 29/07/2020.

<sup>6</sup> Cf.: <<http://www.jfbp.org.hu/hu/dekiru/dekiru-segedanyagok/13>>. Acesso em 29/07/2020.

*Site da The Japan Foundation* em Budapeste com videoaulas sobre a gramática da língua japonesa, quiz e links relacionados.

- Recursos *online* para utilização gratuita:

- *Nihongo e-na*<sup>7</sup>

*Nihongo e-na* é um *site* agregador de *links* que reúne outros *sites* que foram criados para fornecer estudo complementar para vários livros de japonês LE, incluindo a série " *Genki* ", " *japanese for busy peoples* ", entre outros.

- *O Desafio de erin*<sup>8</sup>

O *site* "O Desafio de Erin! Eu Entendo Japonês" é administrado pelo Centro Internacional de Língua Japonesa da *The Japan Foundation*. Para utilizá-lo, é necessário concordar com a política do *site*. Encerrou-se em 2020, contudo, ainda é possível encontrar todos os vídeos, quiz, exercícios básicos e revisão que complementam o material de três volumes impressos pela editora *Bonjinsha*.

- *Nihongo Starter (JMOOCS)*<sup>9</sup>

*Japan Massive Open Online Courses*– *site* que oferece cursos abertos online e de forma gratuita.

- Cursos online de língua japonesa – Algumas opções:

- *Tsukuba University e-learning*<sup>10</sup>

O sistema de curso *e-Learning* de língua japonesa, oferecido pela Universidade de Tsukuba (Japão), fornece três tipos de materiais de estudo autodidata: *manabu* (aprender), *kaku* (escrever) e *hanasu* (falar). Vários filmes, fotos e ilustrações são usados, portanto os alunos podem aprender japonês de maneira flexível. Um *software* julga automaticamente se uma resposta é certo ou errado, destarte, os alunos podem estudar sem a ajuda de um professor.

- *TUFS Language Modules*<sup>11</sup>

*Site* de informações sobre o idioma composto de quatro módulos: pronúncia, de diálogo, gramática e vocabulário. A estrutura modular permite aos alunos escolher livremente a partir de qual módulo começar.

---

<sup>7</sup> Cf.: <<http://nihongo-e-na.com/eng/>>. Acesso em 29/07/2020.

<sup>8</sup> Cf.: <<http://www.erin.ne.jp/pt/>>. Acesso em 29/07/2020.

<sup>9</sup> Cf.: <<http://www.jmooc.jp/>>. Acesso em 29/07/2020.

<sup>10</sup> Cf.: <<http://e-nihongo.tsukuba.ac.jp/>>. Acesso em 29/07/2020.

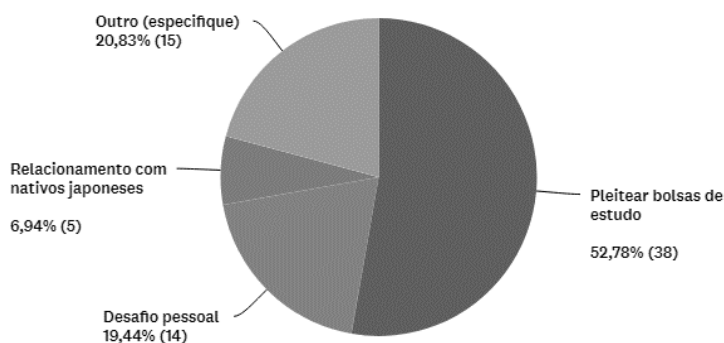
<sup>11</sup> Cf.: <[http://www.coelang.tufs.ac.jp/ja/about\\_mod.html](http://www.coelang.tufs.ac.jp/ja/about_mod.html)>. Acesso em 29/07/2020.

○ *Osaka University*<sup>12</sup>

Site de apoio do *Kōdo gaikokugo kyōiku zenkoku haishin shisutemu purojekuto* do Departamento e Estudos de Línguas e Culturas da Universidade de Osaka (Japão).

Por fim, nossa última pergunta aos aprendizes buscava compreender e elucidar qual o objetivo desses indivíduos quanto à aprendizagem de japonês. Como visto no gráfico 8, 52,78% deles pretende pleitear uma bolsa de estudos no Japão, visto que, para muitos essa seria a única possibilidade de conhecerem o país, dada a política restritiva de concessão de visto para brasileiros.

**Gráfico 8 – Qual é o seu objetivo com o estudo de japonês?**



Fonte: o autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, retomamos os objetivos de nosso estudo em forma de perguntas, acrescidas de algumas reflexões. Primeiramente, questionamo-nos sobre quem seriam os aprendizes autodidatas brasileiros de japonês, suas motivações, dificuldades e objetivos nessa modalidade de estudo. Constatamos que o contingente autodidata brasileiro é constituído de jovens entre 16 e 21 anos, motivados pela influência da cultura *pop* contemporânea do Japão, principalmente as animações e histórias em quadrinhos oriundas daquele país. A maioria opta pela modalidade autodidata por questões financeiras, dado os altos custos de um curso presencial.

Em seguida, o estudo buscou responder quais as ferramentas e plataformas tecnológicas à disposição dos aprendizes e professores capazes de auxiliar no processo de aprendizagem de língua japonesa e letramento digital no contexto de EB. Encontramos *blogs*, *sites* e plataformas

<sup>12</sup> Cf.: <<http://el.minoh.osaka-u.ac.jp/flc/>>. Acesso em 29/07/2020.

desenvolvidos por instituições, ou agências glotopolíticas, e pelos próprios usuários, incluindo livros didáticos, acompanhados de arquivos de áudio em MP3, digitalizados em formato PDF. Observamos que o avanço da *internet* tem facilitado caminho pèrvio aos conteúdos digitais relacionados à aprendizagem de língua japonesa. Contudo, isso também tem contribuído com a disseminação de material ilegal, como livros e material audiovisual, recurso adotado pela maioria dos aprendizes, pois ainda é o livro o recurso didático mais utilizado pelos aprendizes brasileiros.

A terceira, e última pergunta de pesquisa, concentrava-se em determinar quais as plataformas abertas desenvolvidas por instituições internacionais de fomento, exclusivamente *online*, para o ensino de japonês, que não infringem direitos autorais, e podem ser utilizadas livremente. O estudo trouxe à baila uma lista de plataformas, *sites* e ferramentas anteriormente sugeridas em um curso de formação continuada para professores, conduzido em 2015, outrossim novas plataformas apontadas pelos aprendizes autodidatas em nosso questionário. Todas são gratuitas, e compatíveis com a hodierna fase integrativa de CALL, onde tudo é *online* 24 horas por dia e compartilhado. Contudo, constatamos que nenhuma delas é um AVA. Ademais, pensando em ambientes multiplataformas, e levando em consideração que o celular (*smartphone*) é o principal meio de acesso por alunos e professores da rede pública à *internet*, constatamos que todos os *sites* e plataformas abertos desenvolvidos por instituições como *The Japan Foundation, Osaka University e Tsukuba University*, estão desatualizados, em formato WEB 1.0, não possuem aplicativos próprios, sendo necessária a utilização pelo navegador, e não possuem dados patrocinados de acesso, o que inviabilizaria, por exemplo, uma integração com a plataforma CMSP, desenvolvido pela SEDUC-SP aos docentes e discentes da rede estadual paulista – incluindo o curso de japonês do CEL – que não têm acesso à internet banda larga.

O novo conceito de aprendizagem integrado à tecnologia é conhecido como *Blended Learning* (ensino híbrido), contudo é preciso reconhecer que para que a rede pública estadual paulista, de fato, tenha um ensino híbrido que mescle o ensino presencial e o ensino a distancia de língua japonesa, é preciso, primeiramente, letrar digitalmente discentes e docentes, pois da forma como tem ocorrido, desde o início da pandemia, o ensino concentra-se apenas no EAD, e não é híbrido, prática que tem rejeição dos alunos, que priorizam aulas presenciais e materiais impressos. Dessa forma, acreditamos que mesmo que haja adaptações das ferramentas e plataformas já em uso pelos aprendizes autodidatas, de forma atrativa, adaptadas aos dispositivos moveis e com internet patrocinada, elas poucos surtirão efeito se os alunos e



professores de japonês do CEL, não passarem por um processo inclusivo de letramento digital prévio.

Mais do que nunca, reflexões sobre letramento digital na EB ganharam força. A pandemia do novo Coronavírus, nos trouxe aprendizados e ressignificações de diversos conhecimentos, enquanto docentes. Temos visto professores, e alunos, de diversas modalidades e gerações dominando novos recursos e aprendendo sobre novas plataformas e ferramentas juntos. Muitos professores de japonês do CEL, têm feito uso dessas novas ferramentas, sendo a primeira vez para muitos, isso confirma o pressuposto de obrigatoriedade dos docentes em estar constantemente atualizado e buscando novas formações. Ademais, essa formação constantemente atualizada de professores é um grande desafio para todos envolvidos no processo, principalmente considerando a perspectiva educacional devido ao dinamismo das novas tecnologias e a complexidade de suas implicações sociais e culturais.

Ademais, acreditamos que, além das ferramentas, plataformas e vídeos desenvolvidos por diversas instituições, é premente a necessidade de materiais didáticos de livre acesso, e que possam ser disponibilizados legalmente *online*, juntamente com material audiovisual que possa contribuir significativamente para os estudos daqueles que adquirem o idioma japonês de forma autodidata, por não poderem arcar com as despesas financeiras de um curso presencial, além de gastos como transporte, material e as mensalidades. Outrossim, é premente a necessidade de criação e disponibilização de materiais *online* gratuitos em língua portuguesa, especificamente para o Brasil, liberto de ideologias impregnadas de *soft power* de agências glotopolíticas. Destarte, acreditamos que o caminho está aberto para um futuro não tão distante, contudo, é preciso que haja conscientização tanto de aluno quanto do professor para o uso da tecnologia como aliada no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Por fim, retomando sua importância, acreditamos que o processo de letramento digital pode ser dialógico e alteritário. Nessa ótica, esse estudo tentou mostrar como os professores podem aprender com os alunos, a partir da própria perspectiva autodidata deles, pois são eles que também nos ensinam a ensinar dadas as idiossincrasias dessa geração de jovens. Concordamos com Ferraz e Nogarol (2016) que asseveram que apesar de muitos jovens de hoje em dia poderem ser considerados nativos digitais, as tecnologias digitais nem sempre são bem vistas dentro da sala de aula. Ainda há resistência ao uso, tanto por parte dos professores quanto dos alunos, mesmo sendo esses pertencentes a uma geração que tem crescido em uma sociedade digital, expostos a massiva quantidade de informações em uma variedade de formatos: texto, imagens, vídeo e áudio. São, de um lado, alunos, jovens, que vivem e realizam suas principais

atividades do cotidiano pelo celular e pela *internet*, e de outros professores que pouco dominam essas novas ferramentas, como as expostas neste estudo. Assim o letramento digital deve ser encarado como um desafio tanto para que o aluno aprenda a aprender pelas ferramentas, quanto para o professor que precisa dominá-las, em alguns casos às pressas e forçadamente, motivado, à guisa de exemplo, por uma pandemia.

## REFERÊNCIAS

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Texto originalmente publicado pelo Portal Educarede. 2006. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/img\\_conteudo/marcelobuzato.pdf](http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf)>. Acesso em 04/07/20.

DUBOC, A. P; FURLAN, C.J.K; FERRAZ, D.M; MIZAN; S. **Apresentação: Letramentos e Educação Linguística**. In: Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 13, n. 26, p.6 - 8, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/28319>>. Acesso em : 19/01/2021.

EDUCAUSE: *Things you should know about flipped classrooms*. 2012. Disponível em: <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/eli7081.pdf>>. Acesso em: 19/01/2021.

FERRAZ, D. M; NOGAROL, I.V. **Letramento digital: os usos dos celulares em aulas de licenciatura em letras-inglês**. In: R. Tecnol. Soc., Curitiba, v. 12, n. 26, p. 97-114, set./dez. 2016. Disponível em :< <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/3998>>. Acesso em 19/01/2021. DOI: 10.3895/rts.v12n26.3998

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAHAM, C. *The handbook of blended learning: Global perspectives, local designs*. São Francisco, CA: Pfeiffer, 2006.

KRAMER, R.; SALDANHA, F. SEVERO, S. **A potencialização da aprendizagem de uma língua adicional através do *blended learning***. In: X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação SEPesq – 20 a 24 de outubro de 2014. Disponível em: <[http://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x\\_sepesq/arquivos\\_trabalhos/2969/446/468.pdf](http://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2969/446/468.pdf)>. Acesso em 13/07/20.

LAGARES, X. C. **Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *New Literacies: Everyday practices and classroom learning*. 2.ed. Glasgow: McGraw-Hill/ Open University Press, 2006.

LEVY, M. *Computer-assisted language learning: Context and conceptualization*. Oxford University Press, 1997.

NYE, J.S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004

QUEVEDO; A. G.; CRESCITIELLI, M. F. C. **Recursos tecnológicos e ensino de língua materna e estrangeira (a distância ou semipresencial)**. In: Revista Linha D'agua. n° 18, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37278/39998>>. Acesso em: 03/02/2020.

SILVA, A. M.; ROTTAVA, L. **Blended learning no ensino de português língua estrangeira adicional: tarefas assíncronas extra-classe**. In: *Portuguese Language Journal*, Vol. 9, Article 1, 2015.

SILVA, O. O. **O Centro de Estudos de Línguas (CEL) na história do ensino de língua japonesa nas escolas públicas paulistas**. 2017.178f. Dissertação de Mestrado (Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, O. O. **A Evolução do Ensino de Língua Japonesa nas Escolas Públicas do Estado de São Paulo através da análise e crítica de dois livros didáticos de japonês - LE**. In: *Revista Estudos Japoneses*, v. 43, p. 129-148, 2020.

WARSCHAUER, M.; HEALEY, D. **Computers and language learning: An overview**. In: *Language Teaching*. v. 31, p. 57 - 71, 1998. Disponível em: <<http://hstrik.ruhosting.nl/wordpress/wp-content/uploads/2013/03/Warschauer-Healey-1998.pdf>>. Acesso em 03/08/20.